



DIREITO EM PERSPECTIVA

Mais uma vez o pragmatismo alemão

Nesta chamada crise dos migrantes, a Alemanha assume um papel de liderança e neste caso, quanto a mim, inteiramente merecido



Vasco Ataíde Marques

Muito se tem escrito a propósito da chamada crise dos migrantes. Julgo que é um equívoco chamar-lhe crise. Não se trata em minha opinião de uma crise na medida em que crises são passageiros e, neste caso, acho que estamos longe de um fenómeno passageiro.

Aquilo a que estamos a assistir é simplesmente uma fuga descontrolada para a Europa de gente que, em desespero, tenta escapar a uma vida em condições desumanas. E não se antevendo que essas condições mudem nos próximos tempos, a tendência será para que o problema se agrave.

Julgo que a reacção da Alemanha a esta crise revela mais uma vez o pragmatismo dos alemães, senão vejamos: parece-me evidente que não há condições para que a Europa se feche, seja levantando muros, reforçando o poli-

É uma inevitabilidade que a Europa tem de abrir as portas a esta migração e, por isso, o melhor é quanto antes

Não me parece que esta migração seja uma migração perigosa para o modo de vida dos europeus

ciamento nas suas fronteiras ou tomando quaisquer outras medidas protectionistas.

Assim, em vez de assistir a uma invasão descontrolada do seu território, os alemães acolhem os referidos migrantes de braços abertos, de forma ordenada e criando condições para que os mesmos possam integrar-se de forma ordeira - e, nessa medida, produtiva - na sociedade alemã.

De entre os principais destinos da emigração portuguesa, a Alemanha foi dos países que melhor acolheram os nossos emigrantes, dando-lhes formação e integrando-os em estruturas produtivas. Sempre me impressionou imenso ouvir os relatos de emigrantes portugueses que, nos anos 70 e 80, emigraram para a Alemanha sem saber uma palavra de alemão e, ao fim de uns meses, estavam a trabalhar de forma produtiva na indústria, na agricultura ou até nos serviços na Alemanha.

Bem sei que aos emigrantes portugueses sempre foi reconhecida uma especial capacidade de integração e de trabalho, o que pode não ser evidente no caso desta nova migração, mas a verdade é que valerá certamente mais tentar integrar esta gente do que assistir a uma invasão descontrolada da Europa com custos sociais elevadíssimos. Julgo que essa é a lógica por detrás da actuação da Alemanha nesta crise.

Não digo que não exista uma preocupação humanitária e de solidariedade nas decisões do governo alemão em acolher estes migrantes, que fogem indiscutivelmente de uma situação a que nenhum europeu aceitaria sujeitar-se ou à sua família, mas julgo que o pragmatismo volta a ser a palavra de ordem, pois a alternativa é sempre pior.

Ao ter sido a primeira a acolher estes migrantes de braços abertos, a Alemanha ganhou, quanto a mim justamente e com enorme mérito, uma força moral que lhe dá a legitimidade necessária para encabeçar o grupo dos países que estão dispostos a fazê-lo, ganhando desde logo poder na definição das regras sobre a repartição dos esforços por todos os países da Europa neste acolhimento que terá necessariamente de acontecer.

E não vale a pena pensar que será

possível que apenas a Alemanha e mais um ou dois países assumirão este encargo. Todos os países da Europa serão chamados a assumi-lo. Este é um dos maiores dramas humanos de que há memória desde a Segunda Guerra Mundial e não é possível ficar-lhe indiferente.

Assim, mais uma vez, a Alemanha assume um papel de liderança e neste caso, quanto a mim, inteiramente merecido.

A reacção contrária de alguns países demonstra, pelo contrário, uma enorme falta de pragmatismo. Alguns dos países que, de acordo com os media, se têm mostrado menos receptivos a acolher estes migrantes não são certamente menos solidários do que a Alemanha, mas serão seguramente menos pragmáticos. É uma inevitabilidade que a Europa tem de abrir as portas a esta migração e, por isso, o melhor é fazê-lo quanto antes e de forma organizada, pois o contrário terá consequências muito mais graves tanto para os referidos migrantes como para as sociedades europeias que tentem voltar-lhes as costas.

Por outro lado, não me parece que esta migração seja uma migração perigosa para o modo de vida dos europeus. Trata-se de pessoas que fogem à guerra em absoluto desespero. São famílias inteiras com pais e filhos pequenos que certamente tudo farão para se integrarem no destino que os acolher. Em suma, com toda a probabilidade trata-se de uma migração com um potencial produtivo acima da média.

A confirmar-se, estou em crer que dentro de pouco tempo veremos as consequências das opções políticas de cada país neste assunto e que mais uma vez, no caso da Alemanha, o pragmatismo terá ditado mais um grande sucesso na resolução de um problema difícil e, consequentemente, a legítima assunção, mais uma vez, de uma posição de liderança dentro da Europa.

Sócio da PLMJ e coordenador da PLMJ German Desk